

Comitê e Planalto disputam espaço para reeleger FHC

Ciumeira e desentendimentos entre os assessores de campanha e funcionários do governo criam problemas para o presidente

Do pãozinho à agenda de viagens, tudo é motivo de discórdia entre as duas equipes que há 20 dias cuidam da vida do presidente-candidato Fernando Henrique Cardoso. O grupo de assessores que permaneceu no Palácio do Planalto e aqueles que coordenam sua campanha eleitoral simplesmente não se entendem e deixam para o presidente a tarefa de administrar os problemas que criam.

As divergências vão da linha da campanha ao conteúdo do programa de governo. A relação entre os dois grupos, acirrada pela briga dos partidos aliados nos estados, é tão explosiva que o comitê do Setor Comercial Norte ganhou o apelido de *Torre de Babel* — uma menção não só à torre bíblica onde ninguém falava a mesma língua, mas principalmente ao shopping que voou pelos ares na novela da TV. “O clima já não é bom e toda vez que um tucano chega ao comitê parece que traz junto um galão de gasolina. Só falta acender o fósforo”, reclama um dos coordenadores.

O pãozinho que Fernando Henrique comeu no dia do aniversário de quatro anos do Real fermentou as disputas que já existiam. Sem consultar o comitê, o secretário de Comunicação Social, Sérgio Amaral, organizou a ida de Fernando Henrique ao Gama, para visitar a mesma padaria que recebera o presidente em 1996 para marcar os dois anos da nova moeda.

O preço do pãozinho subira de R\$ 0,09 para R\$ 0,10. O dono da padaria, Arnaldo Peres, criticou o desemprego e o valor do salário mínimo (R\$ 120,00). Para completar, a segurança impediu o contato do presidente com os eleitores. Foi o estopim para que os coordenado-

res da campanha passassem a questionar o conhecimento dos palacianos sobre marketing eleitoral. “Aquilo foi uma estupidez”, condenou um influente conselheiro.

Poucos dias depois, nova confusão. O embaixador Sérgio Amaral convocou os ministros para uma reunião em casa. O coordenador político da campanha, Euclides Scalco, não foi sequer avisado. Seu vizinho de sala no comitê, o coordenador operacional, Eduardo Jorge, estava lá. Discutiu-se a participação dos ministros na campanha.

CRIME ELEITORAL

No dia seguinte, Scalco e outros integrantes do comando de campanha insinuaram que o embaixador cometera um crime eleitoral ao promover o encontro no apartamento funcional e que poderia ser responsabilizado por uso da máquina. Scalco discorda da presença de ministros em eventos eleitorais.

Em conversas com assessores, chegou a chamar os promotores da reunião de inábeis. Em entrevista, porém, foi mais polido: “Não participei, não fui convidado e acho que os ministros devem se limitar ao que a lei permite”.

Até mesmo o eixo central da campanha é motivo de divergências. A equipe econômica e o grupo palaciano defendem que o programa Brasil em Ação, um conjunto de 42 obras e projetos, seja o carro-chefe da campanha, acoplado ao discurso da estabilidade econômica. O comitê e os políticos aliados preferem um discurso voltado para investimentos na área social e geração de empregos. Argumentam que as obras do Brasil em Ação rendem votos apenas nas localidades diretamente beneficiadas e não sensibilizam o resto do país.

Eraldo Peres 15. 7. 94



Scalco diz que não há disputa entre os grupos: “Entrosamento é perfeito”

Essa divergência esteve no centro da troca de farpas entre Scalco e o presidente do Banco Central, Gustavo Franco, na semana passada. Franco criticou o programa em gestação no comitê, com ênfase à área social. Disse que era irrealista e se parecia com as propostas do PT. “Tem que investir mais no social, sim”, disse Scalco, apoiado no dia seguinte por Fernando Henrique.

Os marqueteiros também alimentam a cizânia. Com a proibição de propaganda institucional nos três meses que antecedem a eleição, as mais de 40 agências de publicidade que trabalham para o governo perderam esse filão. De olho na campanha, querem dividir o reinado da DM-9, de Nizan Guanaes.

CRISE

Até a véspera da viagem a Belo Horizonte, há duas semanas, o Palácio do Planalto garantia que a visita a Minas estava cancelada. Os assessores palacianos queriam impedir a viagem a Minas, o segundo colégio eleitoral do país. Foi preci-

so que Scalco fosse ao Palácio da Alvorada, na noite que antecedeu a viagem, para convencer o presidente da importância de comparecer ao Congresso Mineiro de Municípios, que recebeu seus adversários mais expressivos.

Oficialmente, Scalco nega qualquer conflito com o grupo palaciano: “Há um perfeito entrosamento entre nós”. No entanto, Scalco, na quarta-feira, novamente foi surpreendido. O Planalto programou a primeira visita de Fernando Henrique ao comitê sem consultá-lo. O coordenador chegou a pedir desculpas aos jornalistas por não tê-los avisado. O presidente-candidato apareceu depois das 20h30m e a visita não teve o destaque que poderia conquistar no noticiário caso fosse mais cedo.

Nas disputas entre o comitê central e o Palácio do Planalto, só não são atingidas a super-assessora Ana Tavares e o coordenador de comunicação da campanha, jornalista Antônio Martins, que falam a mesma língua e têm um discurso bastante afinado.

